

## Identidades líquidas e mídias virtuais<sup>1</sup>

Felipe Castro de SOUZA<sup>2</sup>

Alexsandro Galeno Araújo DANTAS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo apontar e compreender algumas características da lógica simbólica da construção da identidade do Eu. Analisar, sobretudo, algumas consequências dessa virada de século na sociedade líquido-moderna para essa construção. Especificamente no final do século vinte aos tempos atuais, com o advento das novas tecnologias e suas comunicações no âmbito da internet. Ou seja, como se dá a construção da imagem do sujeito no ciberespaço.

**Palavras-chave:** Identidade; virtual; real; imagem; ciberespaço.

### Identidade líquida

*Eu aqui com lentes, esperando e aspirando.  
Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?*  
(LEMINSKI)

Objeto de estudo por quase toda existência humana na terra, a busca pela essência dessa existência, a busca por essa identidade individual e/ou coletiva, encanta, estimula e desafia a capacidade intelectual dos seres humanos. Conhecer essa essência em seu âmago é como uma busca da razão da vida. "Quem sou eu? Quem é o outro? Quem somos nós? Porque estamos aqui?"

Essas perguntas, no entanto, só são possíveis faze-las porque temos uma capacidade dialética, que transformada em ciência de argumentação, podem formar essas articulações, ou seja, nossa capacidade de comunicar:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na categoria Intercom Júnior componente do evento XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduando do curso Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da UFRN. E-mail: fipenet@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, professor Associado I da UFRN e Professor permanente junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e, também, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) da UFRN.

é impossível exercer a inteligência humana independentemente das línguas, linguagens, e sistemas de signos (notações científicas, códigos visuais, modos musicais, simbolismos) que herdamos através da cultura e que milhares ou milhões de outras pessoas utilizam conosco. (LÉVY, 1996, p. 96)

Mas como se dá a comunicação neste mundo em plena internet, nas quais as informações são replicadas de forma assustadoramente rápida? Deparamos-nos com um modo de produção, economia, política e de relações humanas demasiadamente aceleradas. Veremos com maiores detalhes sobre essa celeridade no decorrer deste artigo, contudo, a grande questão é que existem muitos pesquisadores sociais preocupados com essa celeridade nos relacionamentos sociais, é o que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman chamaria de "modernidade líquida" (2001) e como ela pode, ou já está modificando a imagem de cada indivíduo. Essa é a identidade que se ajusta ao mundo em que a arte de esquecer é um bem não menos, se não mais, importante do que a arte de memorizar (BAUMAN, 1998, p. 36).

É de suma importância trazer algumas indagações no que tange o futuro das comunicações. Será que estamos à beira de uma dissolução entre o real e o virtual, aquilo que Jean Baudrillard chamaria de "desaparecimento universal" (LÉVY, 1996, p. 11)? Ou será que essa terceira revolução industrial, nesta virada de milênio, trouxe consigo uma possibilidade de difusão de conhecimento, informação e comunicação jamais vista, e diante dessas possibilidades a humanidade poderia colher bons frutos? Como saber o quão autêntica é a identidade do Eu que cada indivíduo passa de si mesmo para os outros nessa era de virtualização imagética? E é sob esse reflexo do Eu no espelho social, um tanto quanto turvo e corrompido, que vamos discutir algumas dessas questões antropológicas. Baseamos nosso artigo em alguns nomes que vão desde a psicanálise de Jaques Lacan as críticas da sociedade moderna feita por Zygmunt Bauman. Você perceberá que o intuito maior aqui, é fazer um voo pelas relações sociais e buscar entender um pouco melhor a essência da existência humana em comunidade, porque Sócrates disse certa vez que “uma vida não examinada não merece ser vivida”.

Em outras palavras, como diria Márcia Tiburi, parafraseando Arthur Schopenhauer: “A filosofia não é prescrição, ela não é receita, portanto ela não serve para resolver os problemas, ela serve para colocar os problemas”<sup>4</sup>. E colocar problemas não serve para dificultar o desenvolvimento do conhecimento, mas sim, para quebrar paradigmas na forma

---

<sup>4</sup> Comentário feito em uma palestra para o programa café filosófico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d0Uj04-p4zE>> (17min35s). Acesso em: 1 jun. 2014.

de exercício de pensamento, é ampliar a capacidade de produção e não a reprodução no ato de repetição de informação. Por fim, o objetivo principal desse trabalho é fazer o leitor pensar fora da caixa.

## O sujeito vazio

Antes de mais nada, precisamos elucidar a ideia de significado, significante e signo, três termos que participam das fórmulas fundamentais da linguística estrutural nas teorias que vão se seguir por esse capítulo. Significante: seria a imagem acústica, o objeto materializado ou desvirtualizado (o som das palavras por exemplo). Significado: trata-se de uma representação mental do objeto, um conceito virtual e imaterial, a ideia associada ao significante pré-estabelecida pelo indivíduo, a equação linguística desses dois, resultará no signo. Veremos logo abaixo como se dá essa equação.

Na psicanálise, um dos maiores linguistas da história, Ferdinand Saussure, propunha uma estrutura linguística, na qual o significante ficaria sobre o significado, exemplificando: a palavra “bicicleta” (significante), ficaria sobre a imagem que cada um tem da bicicleta (significado), fazendo com que o significado fique em segundo plano, e o significante, continua a ser pensado como uma representação atrelada a um referente (ANTUNES, 2003, online), até que um psicanalista francês, chamado Jacques Lacan, rompeu com essa ideia e propôs uma inversão, que posteriormente ficou chamada de “inversão lacaniana”.

[...] Assim, o algoritmo lacaniano – que se escreve  $S/s$  – não é o signo saussuriano.  
[...] Essa inversão da posição do significante: o significante, no algoritmo lacaniano, passa a ser notado com  $S$  maiúsculo e ocupa o lugar acima da barra. (ANTUNES, 2003, online)

Como vimos, o significado fica agora sobre o significante e entre eles existe uma barreira, ou seja, o significante passa a não ter relação com o significado e vice-versa. Lacan propõe a autonomia do significante, destruindo a ideia do vínculo necessário (ANTUNES, 2003, online).

É importante compreender que nessa equação linguística, Lacan sugere que, para cada sujeito nós teríamos vários significantes, e que o sujeito não pode ser nada sem os significantes, logo, pode-se entender o sujeito pré-significante ou pré-predicado como algo “vazio”. Mas por que vazio? Se não vejamos, quando eu digo “João”, isso não representa

nada, ao passo que, quando eu qualifico o João com predicados, eu posso ter um "João vendedor de pipoca".

Lacan reúne as duas estruturas – palavra e linguagem – numa só, ao assinalar que o conjunto dos significantes, que a estrutura de linguagem obriga a isolar, situa-se no lugar do Outro, na estrutura da palavra. Esse Outro decide o sentido do que é dito e, assim, por ser o destinatário da mensagem, é também o lugar do código que permite decifrá-la. Desse modo, o sujeito constitui-se na e pela fala no campo do Outro, que é a própria estrutura de linguagem. (ANTUNES, 2003, online)

Deduzindo que esses significantes sempre serão um discurso do Outro, e do ponto de vista lacaniano, é aquilo que "representa o sujeito para um outro significante" (ANTUNES, 2003, online).

Para Lacan o inconsciente seria o "discurso do Outro", no qual esse Eu vazio, terá sua imagem preenchida por significantes do Outro, construindo assim sua identidade, mas não só uma identidade ou imagem, mas várias imagens mutáveis e líquidas. Para Lacan, o sujeito é uma significação que advém do discurso do Outro (ANTUNES, 2003, online). Nós não somos aquilo que acreditamos ser, ou seja, nós não somos a imagem que nós vemos de nós mesmos, e a predisposição para tentarmos ser diferentes do que somos, depende do Outro e não só de nós.

### **A virtualização do real e a criação do seu duplo**

Virtual vem do latim medieval *virtualis*, uma derivação da palavra *virtus* que significaria força ou potência. Para a filosofia então, virtual seria em linhas gerais, uma potência de ser. Acontece que, como já vimos antes, e por mais óbvio que seja, o significado dos objetos são subjetivos e mutantes, e como não era de ser diferente, existem vários significados para o significante "virtual". Veremos a seguir algumas das abordagens mais aceitas do conceito de virtual e suas aplicações nos estudos sociais. Jean Baudrillard, um dos mais pessimistas no que tange o novo cenário comunicacional que se instalou com a internet. Cauteloso, o filósofo teme os efeitos da virtualização social e suas futuras modificações na vida humana. Autor que inspirou o filme Matrix, Baudrillard trata de forma emblemática a questão da identidade e realidade. Para ele:

virtual é o que está no lugar do real, é mesmo sua solução final na medida em que efetiva o mundo em sua realidade definitiva e, ao mesmo tempo, assinala sua dissolução (BAUDRILLARD, 2001, p. 42).

Baudrillard acredita, que o real nada mais é do que uma simulação, e vai mais além, afirma categoricamente que "o real, em si, não existe" (2001. p. 41).

A virtualidade aproxima-se da felicidade somente por eliminar sub-repticiamente a referência às coisas. Dá tudo, mas sutilmente. Ao mesmo tempo, tudo esconde. O sujeito realiza-se perfeitamente aí, mas quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico. (BAUDRILLARD, 2011, p. 133)

Temos que ter a ciência de que Baudrillard tentava compreender as mudanças sociais que advieram com a internet, concomitante com as modificações que aconteciam no mundo, uma transação complexa daquilo que Bauman chamaria de fase sólida para fase líquida, e todas as transformações que surgiram com essa fase líquida. Para Baudrillard, qualquer tentativa de propor o real seria necessariamente uma simulação, o real deixaria de existir. Levando em conta essas transformações, o desejo efetuado na compra de um produto, por exemplo, o valor que antes se pagava, materializado na qualidade, no uso, duração e força de trabalho, agora fora transformado subjetivamente pelo seu valor de divulgação, ou seja, é o preço estipulado pela propaganda do produto e o valor que agregará a seu status social.

Voltando a tratar do termo "virtual", para Pierre Lévy ao citar o livro de Michel Serres, *Atlas*, que trata o virtual como "não-presença", a ideia de que os conceitos metafísicos de "imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença (1996, p. 20), ou seja, muito antes de existirem as mídias digitais os humanos já praticavam a virtualização. Contudo, mesmo acreditando ser essa uma explicação interessante, para Lévy "o virtual não se opõe ao real mas ao atual" (1996, p. 15).

Deixemos de lado por ora o conceito de virtual para mergulharmos na ideia de real. Vamos pegar o "real" do senso comum e analisar alguns aspectos da vida cotidiana, faça-se uma pergunta de como foi seu dia, e posso afirmar que ele sempre terá seus momentos de felicidade e tristezas. Uma hora você vai ficar com fome por exemplo, e isso provavelmente reduzirá sua autoestima, a sua energia, ou até mesmo aquilo que Nietzsche chamaria de 'vontade de potência'. Vamos mais além, na sua vida provavelmente já existiram momentos de extrema infelicidade e se você pudesse apagar aquilo da sua memória, provavelmente você o faria.

O fato é que o mundo real pode ser perverso, e o virtual seria então a nossa fuga desse desgaste, dor e fragilidade. Para o filósofo francês, Clément Rosset, existe uma tendência de suprimir o real, em uma tentativa de fugir das infelicidades, uma espécie de “cegueira voluntária” que funcionaria como um portal para uma realidade alternativa, ou, em outras palavras, uma realidade virtual.

Posso, enfim, sem sacrificar nada da minha vida nem de minha lucidez, decidir não ver um real do qual, sob um outro ponto de vista, reconheço a existência: atitude de cegueira voluntária, que simboliza o gesto de Édipo furando os olhos, no final de Édipo Rei, e que encontra aplicações mais ordinárias no uso imoderado do álcool ou da droga. (ROSSET, 2008, p.15).

Como o personagem Édipo, que fura seus olhos em uma ação desesperada para fugir da realidade cruel do incesto praticado por ele mesmo (incesto com a mãe Jocasta), Rosset propõe essa tendência que nos faz ignorar o real, o autêntico, e dirigir nosso olhar para outro lugar (seu duplo), onde o real não está. De fato, a possibilidade de imergir em um mundo de felicidades virtuais seja qual for o meio, um jogo, uma droga, uma falsa imagem criada nas redes sociais é sempre mais atraente que enfrentar as dificuldades do cotidiano. A respeito disso, Lévy afirma que em busca da segurança e do controle, perseguimos o virtual porque nos leva para regiões ontológicas que os perigos ordinários não mais atingem (1996, p. 79). Marcos Beccari pondera: Vivencio isto, independente da realidade disso. [...] tornamo-nos capazes de *traduzir* o mundo e também de sermos por ele *traduzidos* (2012, p. 9). Becarri faz uma ponte, em certo momento desse mesmo artigo, a um livro escrito pelo Žižek, em que o filósofo comenta sobre os termos “realidade real” e “paixão pelo real”.

paradoxalmente, tal contingência também implica a suposição de um duplo, podendo assim culminar naquilo que Žižek (2003, p. 25) denomina “paixão pelo Real”: de tanto nos *apaixonarmos* pela “realidade real”, começamos a idealizá-la para além da resistência nua e crua de sua alteridade, uma vez que “a realidade é a melhor aparência de si mesma”. (BECCARI, 2012, p. 8)

### **O alterego e o narciso**

A ideia de presença nos parece muito óbvia, mas até que ponto você realmente existe? Imagine-se na seguinte situação: você está em um aeroporto, tentando embarcar em um voo, mas esqueceu a sua identidade (o registro geral emitido por algum órgão competente que cadastra seus dados enquanto cidadão, este mesmo órgão virtualiza a sua existência, a sua imagem - agora cadastrada em algum banco de dados - e garante a sua

identidade). Não importa o quanto você tente provar que você é você mesmo, você não vai conseguir entrar naquele avião sem os documentos que provem sua identidade.

O que garante a sua identidade é e sempre foi um ato público: uma certidão de nascimento, uma carteira de identidade, os testemunhos concordantes do porteiro e dos vizinhos. (ROSSET, 2008, p. 110)

A questão é, o que garante a sua presença é a memória de um Outro, ou seja, é a memória que o Outro tem da sua imagem. O Outro se torna então, o não-eu, o espelho que virtualiza a imagética do Eu, e que lhe dará identidade de existência social. O que define quem somos é, antes de tudo, uma linguagem pré-programada de um conceito pré-estabelecido, e posteriormente, um discurso intersubjetivo e especulativo (você não é carpinteiro porque “é carpinteiro”, mas sim porque as pessoas o enxergam assim). Assim sendo, é o olhar da sociedade que lhe garante a existência.

Subconscientemente, nós buscamos a partir daí, a nossa imagem no Outro. Como no filme “O Náufrago”, no qual o personagem vivenciado por Tom Hanks - após sofrer um acidente de avião e ficar preso em uma ilha deserta - em uma busca inevitável de socialização, passa a conversar com uma foto de sua amada como se ela estivesse presente ali, logo depois, cria um personagem fictício chamado Wilson (desenhando um rosto em uma bola de vôlei) com quem tece uma série de diálogos e tramas de forma muito envolvente. O filme nos mostra o quanto dependemos de um Outro para mantermos a nossa sanidade. Para construir a sua própria imagem o personagem do drama necessita, simbolicamente do discurso do Outro (o Wilson) para garantir sua identidade.

O que nos remete a um mito grego, a história de um herói, famoso pela sua beleza e orgulho, características essas que tornaram sua fraqueza. Segundo a mitologia, a deusa Némesis condenou Narciso a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo na lagoa de Eco, definindo em sua própria imagem espelhada nas águas. Mas para Clément Rosset, esse reflexo na água, não passa de uma metáfora para a imagem que a sociedade tem de nós mesmos, e assim sendo ele diz:

o erro mortal do narcisismo não é querer amar excessivamente a si mesmo, mas, ao contrário, no momento de escolher entre si mesmo e seu duplo, dar preferência à imagem. O narcisista sofre por não se amar: ele só ama a sua representação. (ROSSET, 2008, p. 108)

É interessante compreender também, que nós não temos domínio algum dessa imagem construída pelo outro, retomando Lacan, é no discurso do Outro que os significantes se articulam livremente uns aos outros produzindo-nos como um mero produto. A sociedade coleta elementos a respeito do indivíduo para construir uma representação da sua imagem, que podem até, não ser necessariamente reais.

Para exemplificar essa falta de controle, nós podemos usar a “má fama”, ou seja, informações, sendo elas verdades ou não, que criam uma impressão que nos é indesejada, mas que de alguma forma foi vinculada a sua identidade pela sociedade, e que o indivíduo não tem poder algum sobre ela. Um caso bem conhecido do aludido termo “má fama”, é a do filósofo Epicuro, que, até onde se sabe, não temos como provar que o mesmo detinha realmente práticas de ser promíscuo e glutão, características essas que contradiziam com os seus escritos sobre os bons costumes e a moral. Contudo, não importa o quanto supostamente o ateniense lutasse para desmistificar a embaraçosa imagem (a qual lhe atribuirá até o pseudônimo de “porco”), seria em vão, pois, a defesa das vítimas dos tais rumores, sempre serão ilegítimas, por se tratar de uma auto defesa. Normalmente, tendemos a acreditamos mais nos discurso de um terceiro sobre determinada pessoa, do que no discurso da própria sobre ela mesma. Poderíamos ir mais longe, me parece que a tentativa de erradicar qualquer imagem do Eu construída pela sociedade, eventualmente terá um resultado ironicamente reverso.

Percebemos então, que nós não temos domínio algum sobre a construção da nossa própria imagem, e que na verdade, existem tantas variáveis imprevisíveis que impossibilitam o controle da qualidade dessa representação imagética. Entretanto, há uma grande preocupação individual de proteger e manter uma boa aparência, muitos ainda tentam usar de artifícios para manipular essa construção, e uma das formas de fazê-lo, é ser visto praticando ações bem aceitas perante a sociedade, buscando sempre ser o melhor figurão, mesmo que pra isso, muitas vezes, o indivíduo não faça aquilo que realmente gostaria de fazer.

A internet possibilitou, e até mesmo facilitou essa abordagem para a manipulação da construção da imagem do eu. Com o advento das redes sociais, o indivíduo pode despejar uma grande quantidade de informações sobre ele mesmo com o intuito de ser bem visto. Postar uma foto de uma capa de livro nas redes sociais virtuais por exemplo, é uma boa forma de construir uma imagem de leitor (mesmo que você nem pretenda ler o tal livro). Muitos enxergaram nessa ferramenta uma vantajosa forma de conservar uma boa imagem,

Nasce aí, um crescente número de dados (simbólicos) sendo jogados no ciberespaço, tornando-se cada vez mais necessário a exposição do Eu na sociedade, numa busca incessante de auto existência. Este é o miserável segredo de Narciso: uma atenção exagerada ao outro (ROSSET, 2008, p. 108).

É importante observar que na medida em que há facilitação na proliferação de informações devido as novas tecnologias, surge aí uma eclosão demasiadamente poluída de imagens e diante desse cenário, o indivíduo sente como se estivesse perdendo a sua imagem em meio a essa desordem, e com isso perdendo a si mesmo.

## **Conclusão**

A possibilidade de se relacionar e interagir com alguém, independente da distância, através desses novos mecanismos de comunicação, construindo assim novas identidades do Eu que antes eram impossibilitados. Trata-se de um novo tipo de organização social que facilita as trocas de informação e a construção coletiva do conhecimento, em que a identidade sofre uma expansão, na medida em que há contingência maior do número de pessoas envolvidas para a construção do Eu. Esse novo mecanismo baseia-se na diluição do Eu físico.

Essa nova forma de fazer comunicação quebra a barreira da necessidade corpórea e com isso ganha mais dinamismo, velocidade e sobretudo, ele terá a capacidade de desvincular a identidade do Eu com a ideia linear do espaço e tempo, entendendo o tempo e o espaço como significantes inventados pelo homem e portanto de significados subjetivos, como dirá Lévy, cada forma de vida inventa seu mundo (do micróbio à árvore, da abelha ao elefante, da ostra à ave migratória) e, com esse mundo, um espaço e um tempo específico (1996, P. 22). Ou seja, o indivíduo dentro dessa perspectiva metafísica, poderá deixar as suas informações e registros disponíveis ao Outro independente da localização ou tempo futuro. Isso significa dizer que ele poderá construir e compartilhar a sua identidade, as suas memórias em um espaço virtual. É o caso da nuvem de dados virtuais, este tipo de armazenamento de dados, permite o acesso a partir de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora e por qualquer pessoa. Sua imagem será construída em outras culturas, em outros tempos e por várias pessoas, uma heterogeneidade nunca antes alcançada.

A grande questão que levanto aqui é que devemos ser otimistas em relação a todas essas portas que a internet possibilitou para a humanidade, não podemos encarar essas

transformações como o "desaparecimento universal" do Baudrillard, nem sou cético como Bauman, acredito que essas mudanças apenas potencializam algumas das características naturais ao homem; do medo de não existir; o medo da solidão. Encaremos como uma necessidade de auto existência que apreciada da forma adequada pode ser saudável e estimulante. Muito há de se mudar ainda, logo, muito há de se estudar para que a humanidade use a internet da melhor forma possível, mas enquanto isso, continuaremos a surfar por essa onda de imagens heterogenias criadas por tantos Outros quanto possamos imaginar.

### **Referências Bibliográficas**

MEUCCI, A; MATUCK, A. **A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo)**. São Paulo, v. 2, n.4, 2005.

BECCARI, M. N. **A ficção do real: uma reflexão preliminar, a partir da Educação, sobre o Design no processo de inter-subjetivação**. Tríades em Revista, v. 2, p. 01-18, 2012.

LEMINSKI, P. **Catatau**. 3 edição, crítica e anotada. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

LOPES, E. S. **A Realidade do Virtual**. Psicologia em Revista, v. 11, p. 96-112, 2005.

BAUDRILLARD, J. **Senhas**. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

BAUDRILLARD, J. **Tela total**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LÉVY, P. **O Que é Virtual?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

ROSSET, C. **O real e seu duplo. ensaio sobre a ilusão.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ANTUNES, M. C. C. **O discurso do analista e o campo da pulsão.** In: III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, 2003, João Pessoa - PB. Construindo a Psicologia Brasileira: Desafios da Ciência e Prática Psicológica. João Pessoa (PB): Associação de Pesquisa em Psicologia, 2003. v. 1. p. 40-40. Disponível em:  
<[http://www.isepol.com/teoria\\_significante.html](http://www.isepol.com/teoria_significante.html)>. Acesso em: 2 jul. 2014.

ŽIŽEK, S. **Bem-vindo ao deserto do Real!: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas.** Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.